

A LUTA CONTRA AS SECAS E SEUS PROBLEMAS

TH. POMPEU SOBRINHO

A luta contra as secas nordestinas sempre foi mal conduzida. Pouco interesse lhe têm dedicado os estados flagelados, o que realmente é de espantar. A União, porém, sob a pressão destes, lhe tem dado substanciais esforços e irregular assistência, votando por vèzes magnânimas verbas.

Desde 1909, o Governô Federal, especialmente inspirado por influentes homens do Nordeste, mas particularmente pelo Dr. Francisco Sá, illustre e prestigioso mineiro a serviço do Ceará, procurou sistematizar e orientar cientificamente esta luta conforme com as melhores idéias do tempo. Organizou-se uma repartição, a INSPETORIA DE OBRAS CONTRA AS SECAS, segundo o molde nacional, com todos os seus principais defeitos, embora supervisionada por um ativo e bem equilibrado inspetor, o Dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, homem ilustrado e dinâmico. Os trabalhos especificos foram iniciados imediatamente, enquanto se completavam e aperfeiçoavam as instalações essenciais no Rio de Janeiro e nas redes dos estados interessados. O Inspetor, como geólogo e homem viajado, era um bom conhecedor do meio físico e social brasileiro, inclusive, tanto quanto possível naquela época, do Nordeste. Percebeu logo que a mingua de especialistas nacionais o inclinaria a recorrer a técnicos estrangeiros, especialmente para ampliar os conhecimentos das condições físicas ou geográficas desta parte do Brasil, fixar as suas características mais interessantes e nos dar uma idéia apreciável do meio social nordestino, máxime sob o ângulo econômico. Os trabalhos então produzidos, embora tivessem sido inexplicavelmente interrompidos e não se prestassem ainda para amplas e seguras conclusões relativamente a muitos aspectos, constituem preciosa contribuição, ainda hoje indispensável à consulta dos estudiosos desta região.

Depois que o Dr. Lisboa foi substituído, a INSPETORIA DE SECAS perdeu o seu primitivo espirito científico e muito da sua eficiência; os trabalhos de pesquisa, mesmo os mais elementares e indispensáveis, foram reduzidos à expressão mais simples ou de todo eliminados do quadro das atividades da Repartição. Os que

se pouparam à fúria iconoclasta tiveram de se arrastar penosamente, com irritante negligência.

A idéia de construir açudes de qualquer jeito, nos períodos anormais ou na ausência das calamidades, parecia suficiente. Sómente quando sobrevinha um flagelo, o clamor das vítimas, despertando a sensibilidade de alguns homens públicos de influência ligados à zona assolada, conseguia reforços de verbas ou créditos extraordinários, com que a INSPETORIA podia ir penosamente um pouco além do habitual horizonte dos açudes, para dar trabalho remunerado a alguns milhares de famintos. Dêste modo, uma ou outra estrada passava a figurar no elenco das atividades. A obra, estudada, projetada sem nenhum plano de conjunto, passava a ser construída.

De 1920 a 1923, sendo Presidente da República um ilustre e vigoroso paraibano, o Dr. Epitácio Pessoa, o ritmo dos serviços se modificara por algum tempo. O vontadoso Presidente não trepidou em dar à INSPETORIA a impossível tarefa de redimir o NORDESTE pela grande açudagem e consequente irrigação dos vales que pudessem ser beneficiados ou de qualquer forma dominados pelas águas represadas. Para êste fim, o Presidente recorre à já demonstrada experiência e boa vontade do primeiro Inspetor, o qual não teve mãos a medir ante as facilidades para agir livremente com os amplos recursos pecuniários que o Governo lhe proporcionou.

Mas o plano adotado era inexecutível por muitos motivos, de que se podem apontar como principais apenas a insuficiência de tempo disponível pelo Presidente, a lastimável falta de técnicos no País e, finalmente, a incrível falência de preparação da Repartição, apanhada de surpresa, sem poder dispor dos mais rudimentares elementos técnicos e materiais que permitissem uma orientação adequada e oportuna dos trabalhos a que se devia, em vista das prementes circunstâncias, dar a máxima intensidade e imediato início. Nestas condições, a pressa de agir, ordinariamente, excluía a possibilidade de estudos prévios ou a organização de bons projetos para as grandes obras, cuja execução naturalmente apresentava incomuns e graves obrigações. E, ainda por cima, cumpre referir a crise financeira do Tesouro Nacional que já se vinha acentuando.

O entusiasmo despertado pelas atividades insólitas, desenvolvidas pelas ricas firmas estrangeiras, contratadas para dar execução às grandes barragens de alvenaria ciclópica, empanou de certo modo aquelas responsabilidades reclamadas pela absoluta segurança de tais construções, obras que são realmente tanto mais perigosas ou mais exigentes de perfeição quanto mais vultosas e mais importantes.

Quase tôdas as altas barragens de alvenaria, que deviam represar muitos milhões e até bilhões de metros cúbicos de água, armazenando assim um prodigioso potencial de energias, foram iniciadas sem que se tivesse a segurança completa de que a construção satisfaria rigorosamente a todos os requisitos técnicos de estabilidade. Mais tarde, foi possível verificar que êste receio era justo, tornando-se então paradoxalmente providencial o fracasso da arrojada e patriótica tentativa.

Nada mais chocante do que isto. Tivemos de lastimar não só os avultados prejuízos de dinheiro e de tempo, a perda da excelente oportunidade e de chorar amargamente o doloroso aniquilamento dos ingentes esforços do Presidente Epitá-

clo, com o frustramento de tantas obras de salvação pública e de estímulos à economia nordestina.

A oportunidade, efetivamente, não fôra a única; voltou cêrca de 10 anos depois, com o advento do Governo Provisório, que, reagindo vigorosamente ante o impacto de uma sêca calamitosa, quis mostrar o seu espírito providencial e patriótico. A feliz circunstância do flagelante fenômeno climático haver encontrado à testa do Ministério da Viação o Dr. José Américo de Almeida, outro nordestino de boa têmpera, dinâmico e afeito aos reveses das nossas sêcas, foi de marcada importância para o desenvolvimento de um grande plano de assistência aos flagelados e de um esquema de obras contra as sêcas de apreciável envergadura. Mais uma vez, as adormecidas esperanças de salvação do povo do Nordeste foram despertadas.

Infelizmente, o meticuloso cuidado com que se teve de fazer face à assistência a uma grande população que morria de fome e de miséria, circunstância que recrudescera com a larga difusão da magnanimidade do Governo, concorreu para facilitar o desvio de uma orientação construtiva mais eficiente, duradoura e adequada. A lastimável falta de preparação da INSPETORIA DE SÊCAS, então confiada aos cuidados do Engenheiro Luis Augusto Vieira, para enfrentar a perigosa situação que sempre se cria ao eclodir de cada sêca calamitosa, fenômeno fatalmente cíclico, que se sabia não tardaria necessariamente a se manifestar, aumentou sobremodo aquela desorientação das atividades empenhadas com tanto vigor, recursos e boa vontade do Governo. Desta maneira, sômente uma parcela do que poderia ter sido feito se logrou nò setor das realizações permanentes. Todavia, dignas de apreciação foram as obras de emergência assistenciais, salvando milhares de vidas periclitantes e mantendo um razoável padrão de preservação moral no seio das famílias flageladas. Não se deve também esquecer a soma considerável de observações e experiências do fenômeno, sob tôdas as suas múltiplas modalidades registadas pelos estudiosos da matéria.

Como no período anterior de extraordinárias atividades orientadas pelo Presidente Epitácio, o que se desenvolvera então, com a sêca de 1931-33, os trabalhos e obras, inicialmente acelerados, esmoreceram rapidamente com a volta à normalidade meteorológica caíndo tudo na pasmaceira de sempre, índice eloquente da nossa incapacidade administrativa e da inconsciência dos problemas fundamentais da Nação. Circunstância alguma poderia evitar êste retôrno humilhante: nem os esforços de um ou outro estadista mais esclarecido e diretamente interessado pela redenção do Nordeste nem os dispositivos constitucionais, tão claramente inscritos, que consignavam recursos textualmente substanciais para garantir a continuidade das obras contra as sêcas. Nas condições políticas normais, os trabalhos não podiam ser eficientemente mantidos. Sômente outra calamidade, acompanhada da grita cruciante de milhares de famintos, reforçada pela caixa de ressonância dos que visam vantagens materiais nas providências governamentais costumeiras nessas ocasiões, pelo bradar da imprensa e pelo esforço dos representantes do povo nordestino, alguns dos quais pensam mais na oportunidade de angariar popularidade do que na salvação dos infelizes que pereciam de fome aguda ou em consequência se iam extinguindo nos longínquos sertões.

Foi o que ocorreu recentemente ao abrir-se um novo período de sêcas, em 1951.

Com esta feição profundamente inconveniente, vimos mantendo oficialmente a luta contra as sêcas. Até onde iremos por este caminho errado?

Continuamos sustentando a pugna com inquietação, e desesperanças justificadas em vista do comportamento governamental e da consequente e permanente queda do rendimento dos trabalhos, por vêzes infimo ou irrisório, mas sempre estacionando longe de uma justa relação com os dispêndios, esforços e sacrifícios que custam. Não obstante tratar-se de fato largamente conhecido, da parte dos nossos homens públicos não surge uma iniciativa modificadora, uma providência salutar, uma reação adequada para dirimir tão sombrio estado de cousas. Displicência, miopia ou impatriotismo?

Ao que parece, de tantos males padecem os nossos representantes e estadistas, sobretudo aquêles que mais se conceituam numa miragem introspectiva. As exceções são raras e honrosas, oásis num deserto de arelas. Pergunta-se naturalmente: — Não haverá remédio para esta situação? A resposta é complicada e difícil; pontilhada de dúvidas, exige penosas investigações de ordem geográfica, ecológica e social (adaptação política e econômica). Exige também conhecimentos especiais que somente as excursões por entre os povos que se têm deparado com análogos problemas climático-sociais podem proporcionar. Convém saber como trataram as suas próprias questões e como as resolveram, os seus erros e fracassos e tudo comparar com as nossas condições peculiares.

Evidentemente, no restrito espaço de um artigo não é possível ir tão longe para justificar uma razoável inteligência da matéria em foco e, sobretudo, para declinar as soluções aplicáveis ao caso vertente.

Não se pensa nem se aconselha adaptações cegas de soluções estrangeiras, amoldadas a melos e circunstâncias climático-edáficas ou geo-sociais diferentes. O que alhures poderíamos aprender, e da história das nossas sêcas deduzir ou dos esforços com elas relacionados, dos nossos erros e raros êxitos na luta contra os efeitos maléficos do fenômeno, consiste apenas na apreensão de valiosos elementos que ajudam a construir um método próprio, acomodado com precisão às especialidades do nosso melo. Sem dúvida, as sêcas e as suas causas, aqui e por aí onde se processam, devem ser conhecidas, discriminadas, analisadas e comparadas, uma vez que seguramente dêse labor podemos tirar preciosos frutos, informações e materiais indispensáveis para a manipulação de um plano estratégico de segura e racional aplicação.

Efetivamente com tantos elementos seria possível traçar as linhas mestras em que se há de apoiar o grande pêso do nosso problema das sêcas.

E um esquema bem traçado concorreria para nos dar a determinação e as energias precisas para levar a cabo os mais transcendentes empreendimentos. Depois dessas percucientes investigações, das conclusões correspondentes e de uma análise detalhada de tudo aquilo que o assunto comporta, sentimos bem de quanto nos temos desviado dos caminhos certos que conduzem à formulação das verdadeiras soluções da nossa questão local. Verificamos com tristeza que até aqui somente temos encarado esta questão, cristal de muitas faces, por um lado ape-

nas, e malmente olhado para poucas outras, de revés e sem atenção. Temos assim atentado apenas numa simples parcela de uma das variáveis da grande função do problema. Limitamo-nos a construir alguns açudes, visando por vezes à irrigação de certas bacias sugestivas. Jamais cogitamos em completar tais empreendimentos, ajuntando-lhes tudo aquilo que se torna preciso para o integral ajustamento da natureza física de qualquer trato do território a uma situação que o faça independente dos efeitos das sêcas, mesmo somente do ponto de vista geográfico. Nunca tivemos um plano racional de obras contra as sêcas; nem ainda apenas um plano sofrível foi elaborado.

A irrigação não passa de simples aspecto daquele ajustamento que requer muitos outros elementos de resistência e de coordenação.

O Dr. Guimarães Duque, chefe do serviço AGRO-INDUSTRIAL da INSPECTORIA DE SÊCAS, calcula que, para atender às necessidades de 300.000 famílias (1.300.000 almas), dar-lhes elementos de trabalho, precisamos de cerca de 2.000.000 de Ha. de terras irrigadas; e não existe tal área para ser irrigada por gravidade em todo o chamado polígono das sêcas, embora este se estenda do Piauí à Bahia, incluindo grandes extensões desses estados limites. Vê-se por aí quanto é incompleto o método baseado na açudagem e irrigação para a recuperação econômica, ou melhor para a salvação das populações nordestinas acosadas pelas sêcas. E, infelizmente, não é este o único argumento negativo. O ajustamento fisiográfico, para ser suficiente, precisa processar-se integralmente; nenhuma medida ou providência que lhe seja útil lhe deve ser negada. Mas, para isto conseguir, cumpre obter melhor e mais completo conhecimento do nosso meio cósmico.

O que a respeito já sabemos, sem dúvida, permite apenas esquematizar aquele ajustamento cientificamente e avaliar a sua importância. Os detalhes, numerosos por sua natureza, requerem novos dados, inéditas pesquisas, conhecimentos complementares, muitos dos quais ainda se conservam embuçados num espesso manto de ignorância, de dúvidas ou incertezas.

Por outro lado, já há anos provou-se que o problema das sêcas não é somente uma questão de água; é, também, numa percentagem elevada e decisiva, uma questão humana ou antropológica. Este princípio incontroverso se firmou na primeira metade do século fluente, como conquista dos estudiosos. A compreensão nítida de que, além daquele ajustamento físico do meio geográfico, precisamos de um ajustamento humano ou educacional adequado é hoje corrente nos meios extra-oficiais.

Um dos nossos melhores investigadores nesta matéria, o Dr. Augusto Trindade, achou uma feliz expressão para designar esta espécie de preparação local, absolutamente imprescindível na solução do problema máximo nordestino: EDUCAÇÃO MESOLÓGICA. O nome já é uma definição.

Infelizmente, o que a INSPECTORIA DE SÊCAS (agora Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas) tem feito neste sentido, sob a inspiração daquele técnico e do seu continuador, o Dr. Duque, é ainda quase inapreciável ante a grandeza das mais prementes necessidades desta terra.

Esta espécie de educação, magrado o tempo decorrido desde quando foi, por outro investigador, aconselhada (1934), mantém-se oficialmente numa triste

situação de inferioridade, subestimada, sem merecer as vistas complacentes dos administradores de maior responsabilidade da Repartição. O atual serviço ÁGRO-INDUSTRIAL esforça-se por desenvolvê-la nos seus postos, dentro de estreitos limites, relacionando-a quase só com a prática da irrigação. Entretanto, a necessidade de preparar o homem da terra das sêcas onde quer que seja para explorar judiciosamente o seu solo já vai merecendo larga divulgação. Os métodos a adotar para tal fim se aperfeiçoam e não podem mais constituir segredos nem oferecem sequer traços de um transcendentalismo inacessível às inteligências medianas.

Não nos é permitido fracassar neste empreendimento, porque, sem levá-lo ayante, dentro de alguns anos, estaremos a braços com situações muito mais sérias do que as mais terríveis que temos até ao presente experimentado. Não obstante a tremenda mortalidade infantil das nossas maiores cidades, a população nordestina cresce rapidamente, visto que a proliferação humana é extraordinariamente exuberante. Enquanto isto acontece, a produtividade do solo agriculturado mingua. Se bem que uma sábia reação possa retardar o esgotamento progressivo da terra e talvez mesmo melhorar um pouco a sua relativa fertilidade ou antes o rendimento de certos tratos territoriais, o problema futuro da sobrevivência humana, aqui, já se vai delineando no longínquo horizonte. Se continuarmos como agora exaurindo o solo e criando sérias resistências à produção, não tardará muito que aquêle fantasma nos bata à porta. Se trabalharmos mais acertadamente, é possível que ainda tenhamos de vencer um caminho mais longo antes de deparar com o temeroso problema; mas, se nos portarmos ativa e cientificamente no cultivo e conservação dos nossos solos e em geral na exploração de tôdas as nossas fontes de riquezas, sem dúvida, o tétrico abantesma fugirá para mais longe.

Para conseguir semelhante cousa, torna-se preciso pôr em jôgo dedicação, sabedoria e insólitas energias. Seguramente isto requer uma sólida e generalizada educação, adequada ou especializada, que proporcione aos homens públicos mas particularmente aos homens do campo conhecimentos e normas de trabalho compatíveis com as circunstâncias fisiográficas diversas e as condições sociais diferentes das coletividades rurais características das diversas zonas do nordeste brasileiro.

Temos como certo que as providências preliminares para que se empenhe uma luta eficiente contra as sêcas não devem mais ser retardadas; urge desenvolver a tática adequada em tempo oportuno.

A justa orientação, que os atuais conhecimentos de tôdas as circunstâncias relacionadas com as sêcas e a luta contra os seus nefastos efeitos, indicam como providências elementares, consiste no:

- I — ajustamento do meio geográfico nordestino a uma situação que permita normalmente a exploração racional ou científica do solo, trabalhado por obreiros prática e intelectualmente capazes;
- II — ajustamento do homem nordestino à condição de trabalhar o solo, por sua vez, devidamente aparelhado conforme o item anterior, e dêle tirar o máximo rendimento dos esforços empregados sem o exaurir.

Surge agora outra questão não menos importante. Poderemos realizar tais cousas?

Pessoalmente, cremos que sim. Não há, porém, que disfarçar as tremendas dificuldades que se antolham.

As principais provêm: 1) da insuficiência patente de técnicos e homens de ação capazes de conduzir acertadamente os complicados processos daquele duplo ajustamento; 2) da razoável compreensão dos problemas focalizados, pelos nossos homens públicos, de quem dependem os estímulos necessários e os recursos financeiros para as realizações complexas, estímulos e recursos que devem chegar natural e continuamente, suficientes e oportunamente.

O recrutamento de técnicos e bons administradores para serviços tão especializados, ao menos teoricamente, representa providência relativamente possível, quíça fácil, porque, se feitos no âmbito nacional, abundam no estrangeiro em condições de adaptação satisfatória às nossas necessidades. O segundo caso é muito mais complexo, difícil e melindroso.

Antes de tudo, não podemos importar estadistas de outros países. Teremos de contar somente com a prata de casa, com tôdas as suas deficiências. Os estadistas e altos administradores indígenas, a elite dirigente, os homens públicos da terra, com a sua defeituosa formação, inexperientes, com uma visão demasiadamente estreita dos problemas brasileiros da Nação e esquisita compreensão da soberania nacional, neste momento difícil de transição política e de titubantes ajustamentos econômicos e confusões financeiras, não se acham em condições morais ou melhor culturais para proporcionar os elementos indispensáveis ao objetivo que se visa. A ocasião, extremamente anormal, propicia a ascensão Inconsiderada dos mais audazes aproveitadores e o retraimento das melhores competências e boas estruturas éticas, plorando ainda mais o ambiente político. Nestas críticas situações, o País carece instantaneamente de uma preparação hábil, discreta, em harmonia com o seu estado geral de depressão, que conduza os seus homens públicos por caminhos progressivamente menos desviados da orientação necessária à felicidade da Nação. Importa minorar nuns e anular noutros o atual espírito de inconsciência com que tratam tôdas as cousas públicas em geral, aproveitando com inteligência o que lhes resta de aproveitável, os vestígios mais ou menos escassos dos seus atributos políticos e da sua moral coletiva. Ora, precisamos sem mais delongas e prementemente de homens de governo esclarecidos, em condições de apreender razoavelmente os mais elementares e interessantes problemas brasileiros.

Sobre êstes assuntos importa imediatamente fazer incidir as suas melhores atenções, as suas preferências e cuidados; é preciso que os nossos homens públicos saibam ainda, com natural desprendimento, sobrepor às conveniências pessoais ou dos seus amorfos grupos políticos os altos interesses nacionais.

Sem a menor dúvida impõe-se a formação de uma consciência nacional esclarecida e verdadeiramente política; é indispensável moldar no espírito das elites cristalizações límpidas, estruturadas com um fino material moral. Embora isto seja muito difícil, muitíssimo custoso e demorado, constitui desiderato possível, que a todo custo se impõe. Sabemos que os males que cumpre atenuar têm as suas raízes entranhadas na massa demográfica, deseducada e analfabeta, inconsi-

deradamente chamada a intervir nos negócios públicos; num eleitorado com tais qualidades, culturalmente dos mais atrasados e manobrado por cabos inescrupulosos. O baixo padrão educativo popular, com o voto quantitativo, próprio dos povos de refinada cultura, superando assombrosamente o voto qualitativo, impossibilita o necessário comportamento cívico que tanto se almeja nas altas esferas administrativas.

Tudo isto pode dar uma idéia do colossal esforço educativo, da habilidade que se requer, da prudência e discrição que se reclamam para promover uma tentativa eficaz de orientação acertada e sadia, num meio, além do mais, saturado de melindres, incompreensões e egoísmo.

Entretanto, sem esta tentativa dirigida no sentido de melhorar o nosso padrão político, cousa que tão imperativamente se impõe, como condição insubstituível e urgente para a condução exata e científica da luta contra as sêcas, somente nos é lícito esperar esta desalentadora situação de humilhante ineficiência, dolorosas surpresas e retrocessos econômicos que tanto infelicitam o povo nordestino.

Isto realmente parece profundamente desanimador.

Não nos devemos porém esquecer que, dentro desse quadro que emoldura a nossa representação nacional, a equipe diretora ou dirigente da cousa pública, há exceções, honrosas e raras exceções, de vez que alguns dos eleitos necessariamente escaparam à apertada censura da ignorância e da hedionda canalhice eleitoral que presentemente nos deslustra.

A gravidade do problema das sêcas no nordeste brasileiro é de tal ordem e de tal importância ante as responsabilidades estratégicas mundiais, dada a posição geográfica desta região; ante os índices demográficos nordestinos; ante o valor econômico em potencial do território; ante a necessidade de assegurar a integridade da Nação, que já não comporta protelações e reclama soluções imediatas, porém sobretudo exatas.

Estamos em face de questões momentosas e de uma transcendental influência social, porventura mesmo mundial, cuja resolução vale bem o sacrifício de tôdas aquelas difíceis condições de preparação das elites diretoras da Nação.

Embora as dificuldades dessas soluções sejam consideráveis, longe estão todavia de ser insuperável; não há que recuar em presença das complexidades apontadas e das supervenientes.

Prêviamente tem-se a discutir como ingressar em ação; onde ir procurar os pontos vulneráveis do castelo a assaltar.

Naturalmente, havemos de nos voltar para aquelas nobres exceções, pontos luminosos num horizonte nublado, por isto que representam esperanças de onde pode partir o processo para a sonhada salvação. Tais exceções são naturais, verdadeiras, comuns em tôdas as situações análogas. Não existe terreno sáfaro sem algumas manchas, mais ou menos distanciadas, de solo fértil, capaz de rendoso cultivo. Manchas desta espécie aguardam a aplicação de bons métodos de trabalho para produzir opimas messes.

A conclusão obrigada das considerações que vimos desenvolvendo é que se não deve temer a escassez ou insuficiência de homens públicos para dar início à campanha. Os poucos que existirem e já se revelaram úteis e os que esperam oportunidade para bem servir o País, provavelmente bastarão, são como fendas

sobre que, em se aplicando com técnica apropriada cunha distensora, se alargam em brechas de apreável aparência. O bem como o mal excitados são fermentes-cíveis, contagiosos; propagam-se e se avolumam levedando e dominando as massas que os encerram. Sabe-se que meia dúzia de homens inteligentes trabalhando arduosamente numa pugna elevada, visando causas incontestavelmente superiores ou de que se esperam largos benefícios coletivos, cria comumente elementos ativos de um eficaz proselitismo; uma conversão rápida muita vez dominadora.

Vê-se que há bem fundadas promessas, e um caminho com a entrada aberta por onde seguir com larga margem de êxito.

Os interessados na redenção sócio-econômica do Nordeste, homens de boa vontade, de espírito luminoso e patriotismo, encanharão os seus esforços em duas direções: 1) aproveitando desde já todos os pontos vulneráveis, no sentido acima mencionado, e explorando-os exaustivamente, com prudência, sabedoria e firme determinação; 2) agindo num espaço mais largo e difuso, o da opinião pública, com a técnica precisa, por todos os meios possíveis, de maneira a poder influir na totalidade maciça da administração superior da República, e assim indiretamente criar compressões determinadas e salutares sobre todos os elementos de resistência ao objetivo colimado.

É duvidoso que, tendo levado a bom cabo tudo isto, logremos integralmente as necessárias condições para garantir o pleno ou completo funcionamento da máquina com que haveremos de operar, sem tropeços nem acidentes, os ajustamentos referidos do meio geográfico a uma situação precisa de explorabilidade perfeita e do meio social a êsse novo ambiente, com a precisa continuidade.

Sem dúvida, é muitíssimo incerto.

Isto ainda não basta. Somos solicitados a prosseguir; ir mais longe; penetrar mais profundamente no cerne da estrutura nacional; amanhar com cuidadoso empenho o campo ainda mais amplo da origem, da formação e da seleção dos nossos futuros homens públicos, sem o que não nos seria dado contar com a indispensável estabilidade das cousas úteis, necessárias à vida da Nação, à solução definitiva do problema das nossas sêcas. O instrumento mais eficiente que dispomos para êste meritório serviço é ainda o de uma propaganda cientificamente conduzida, incidindo sobre todos os pontos sensíveis do organismo nacional; mas, aqui, importa particularmente amoldar-se ao meio rural, especialmente ao âmbito nordestino.

Considerando êstes ponderosos motivos, compreende-se até onde é preciso chegar, para que o máximo problema desta região enorme e ativa do País tenha solução capaz e definitiva.

Vimos que se precisa de alguma cousa mais do que preparar o ambiente físico-social da região sujeita aos percalços flagelantes das sêcas.

Sim, porque, para alcançar plenamente aquela solução, cumpre obter recursos materiais em grande cópia e morais não menos valiosos numa ordem necessária e contínua, durante um tempo que presentemente não é possível prever, mas, que terá fatalmente um termo, se tudo correr devidamente. Ora, para a garantia destas cousas tôdas, funções das elites diretoras da Nação em todo tempo, teremos de harmonizar o sentimento das grandes necessidades nacionais inclusive

o da luta racional contra as sêcas, com a compreensão dos homens públicos, permanentemente. E' claro que esta compreensão deve ser dinamicamente alargada, iluminada com mais intensidade e robustecida progressivamente pela linificação crescente de uma fé sincera na solução dos grandes problemas basilares da Nação. Isto tem um fundamento filosófico indisfarçável, por isto que as energias coordenadas constituem a condição primeira e a última razão em ética e em política.

Resumindo, o problema de recuperação definitiva e duradoura no setor da economia regional e, conseqüentemente, mercê de elos inquebrantáveis, no setor moral e no político, exige com caráter imperioso, além de atividades no campo puramente geográfico e educacional, um trabalho proficuo de preparação das elites dirigentes. E' preciso garantir uma harmonia conveniente no processo de adaptação social, sob todos os seus aspectos.

Certamente, algumas objeções aparentemente ponderosas e dignas da maior atenção não de surgir, procurando senão solapar pela base o método preconizado, ao menos abalá-lo em certos pontos mais ou menos viscerais. A mais consentânea, a primeira a exigir discussão séria é de ordem financeira.

Como seria possível proceder aos ajustamentos físico e humano de tão vasta região, por vâzes densamente povoada, sujeita às sêcas, se os recursos financeiros do Tesouro Nacional, evidentemente não poderiam, nas condições expostas cobrir a imensidade das despesas imprescindíveis? A resposta, entretanto, é das mais simples. O problema não se obriga a um processo integralmente extensivo no sentido espacial. Pode ser êste processo construtivo aplicado, allás com indisputáveis vantagens, a áreas relativamente restritas.

Os técnicos terão de escolher, a principio em cada unidade ou estado dos mais duramente flagelados, secções territoriais limitadas, proporcionalmente calculadas segundo os recursos disponíveis, e sôbre elas operar exaustivamente, até transformar as suas condições climo-sociais de modo que cada uma se torne num centro de resistência, completo quanto aos efeitos das sêcas.

Semeilhantes centros, uma vez constituídos na sua plenitude, não formarão apenas regiões de passiva resistência às sêcas; transformar-se-iam em largos núcleos de atividades criadoras sob vários aspectos, conforme as possibilidades fisiográficas de cada zona, e poderiam influenciar, com capacidade sempre progressiva, tanto na ordem social como na econômica, política e moral, porventura mesmo artística e religiosa. O grau dessa influência estaria subordinado às extensões beneficiadas e à força de sua expansão cultural, exposta sempre a um vigoroso estímulo de progresso, mercê do aperfeiçoamento e equilíbrio dinâmico cada vez mais apreciável de todos os processos de adaptação social.

O sistema físico-social de ajustamento, com o seu alto poder disciplinador, penetra fatalmente em todos os setores de conformação coletiva, desabranchando em florações criadoras que se ampliam cobrindo as áreas circundantes, numa ação irradiante não desprezível. Estes núcleos culturais, ativados pelo progresso econômico e político, acabariam por produzir naturalmente valores humanos de importância, capazes de exercer influências salutares na órbita nacional.

As áreas trabalhadas de acôrdo com os recursos financeiros e o possível recrutamento de técnicos e administradores em cada Estado, tendem a se multiplicar na proporção da valorização que o processo regenerativo age.

Os trabalhos não começam todos simultaneamente; uns estão subordinados ou condicionados a outros, numa ordem necessária. Assim, no setor do ajustamento físico, as obras terão que esperar pelos seus respectivos projetos, êstes pelo plano de conjunto, o qual ainda terá de depender dos estudos, por sua vez dependentes de reconhecimentos e explorações preliminares. No setor humano também há uma seqüência mais ou menos rígida.

Ora, compreende-se que a equipe ou turma de técnicos, por exemplo destinada aos reconhecimentos prévios e aos estudos preparatórios termina bem cedo os seus afazeres numa dada área. Então, como em geral as atividades profissionais não poderão ou não deverão ser derivadas para ocupações diferentes, nem é pertinente que seja desmobilizada, terá naturalmente a sua tarefa específica noutra área, preferivelmente contígua à primeira, a qual entrará em franco trabalho; sucessivamente as turmas encarregadas dos diferentes serviços, à proporção que terminam o que fazer numa área, passarão a outra; e, deste modo, em cada estado, depois de algum tempo, duas ou mais áreas estarão sendo devidamente preparadas, sem aumento apreciável de despesas.

Agindo, pois, desta maneira, com as necessárias cautelas, as finanças nacionais não encontrarão dificuldades, ficando sempre em condições de suficiência até levar ao seu termo toda a cobertura territorial do Nordeste. Por outro lado, iniciar as atividades do duplo ajustamento em áreas limitadas permite lograr a inestimável vantagem de acumular, com pouco esforço, observações, experiências e treinos preciosos, que irão facilitar uma boa economia de trabalho, de despesas e de tempo na preparação de outras áreas que deverão ser beneficiadas.

Outras objeções poderão ser formuladas, mas, como a precedente, provavelmente serão passíveis de fácil redução. Poderíamos indicar outras que os limites dêste artigo mandam evitar.

Em resumo, o que se precisa fazer para lutar eficiente e definitivamente contra as sêcas do Nordeste pode-se enquadrar nos quatro itens seguintes:

- I — Ajustamento do meio físico, parceladamente por áreas relativamente reduzidas e selecionadas segundo uma fórmula apropriada, que atenda preferencialmente às regiões mais capazes de uma demonstração clara, segura e integral;
- II — Ajustamento do meio social da área correspondente;
- III — Recrutamento e sobretudo preparação judiciosa de técnicos e administradores competentes, para efetivação acertada e econômica dos ajustamentos referidos nos dois primeiros itens;
- IV — Amplo trabalho de preparação das elites dirigentes no sentido de dar-lhes ou aumentar-lhes as necessárias condições de receptividade e uma limpa consciência dos problemas fundamentais da Nação, visando especialmente a recuperação cultural do nordeste do Brasil, um dos mais momentosos e de feitos mais largos e mais interessantes para o País, sob muitos e variados aspectos.